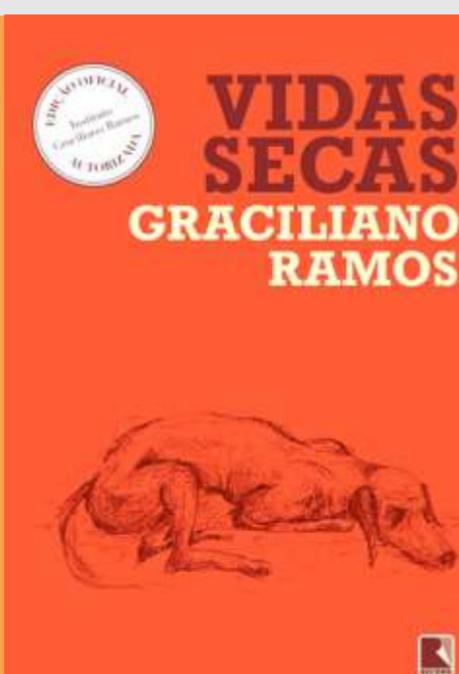


Considerado o mais importante livro de Graciliano Ramos e um dos maiores clássicos da literatura nacional, o romance *Vidas Secas* é da segunda fase modernista da literatura brasileira, conhecida como “regionalista” ou “romance de 30”. Publicado pela primeira vez em 1938, retrata a vida miserável de uma família de retirantes sertanejos obrigada a se deslocar de tempos em tempos para áreas menos castigadas pela seca. O pai, Fabiano, caminha pela paisagem árida da caatinga do Nordeste brasileiro com a sua mulher, Sinhá Vitória, e os dois filhos, que não têm nome, sendo chamados apenas de “filho mais velho” e “filho mais novo”. São também acompanhados pela cachorrinha da família, Baleia, cujo nome é irônico, pois a falta de comida a fez muito magra. Denuncia fortemente as mazelas do povo brasileiro, principalmente a situação de miséria do sertão nordestino. É o romance em que Graciliano alcança o máximo da expressão que vinha buscando em sua prosa: o que impulsiona os personagens é a seca, áspera e cruel, e paradoxalmente a ligação telúrica, afetiva, que expõe naqueles seres em retirada, à procura de meios de sobrevivência e um futuro.



A exposição *Correspondências: Memórias e Identidade*, no Centro Cultural dos Correios, convida-nos a um olhar poético sobre cartas e bilhetes escritos à mão. Com curadoria de Fabiola Notari, as 46 obras de 22 nomes contemporâneos, incluindo desenhos, pinturas, colagens, bordados e instalações, propõem uma reflexão sobre a beleza das mensagens de outrora em uma época na qual a pressa da vida moderna nos força a, cada vez mais, utilizar mensagens rápidas cheias de símbolos, as quais, por um lado, são pragmáticas, mas, por outro, extinguíram o caráter lúdico, personalizado e romântico das mensagens trocadas por papel e caneta. A exposição, que conta com obras dos artistas Aline Cavalcante, Ana Cris Rosa, Célia Alves, Christina Parisi, Clarissa M Zelada, Claudia Souza, Cris Marcucci, Daniela Karam Vieira, Irene Guerreiro, Leonor Décourt, Lidia Sumi, Lídice Salgot, Lucia Mine, Lucimar Bello, Máira Carvalho, Margarida Holler, Renata Danicek, Rosa Grizzo, Sandra Lopes, Teresa Ogando, Tuca Chicalé e Vitória Kachar, é organizada em quatro núcleos temáticos: livros de artista (objetos de arte e comunicação); cartas, envelopes e postais (memórias e narrativas); correspondências e tecnologia (o impacto da era digital); e travessias e interseções. “Em uma época marcada pela velocidade dos toques e pelas mensagens descartáveis, esta mostra propõe um retorno não ao passado em si, mas à densidade da troca, ao tempo da escuta, à delicadeza dos silêncios que uma carta pode conter”, diz a curadora Fabiola Notari.

Centro Cultural dos Correios Rio de Janeiro | Galeria B – Térreo. Rua Visconde de Itaboraí, 20, Centro, Rio de Janeiro-RJ. Entrada franca. De terça a sábado, das 12:00h às 19:00h, até o dia 27/09/2025.

Jornada nas estrelas, fotografia de Lidia Sumi, presente na mostra *Correspondências: Memórias e Identidade*,



Na edição nº 11, ano 3, do Roteiro, indicamos o livro *Olualê Kossola: As palavras do último homem negro escravizado*, obra de Zora Neale Hurston, que conta a história do último escravizado contrabandeado ilegalmente para os EUA. Assim que foi promulgada a lei que proibia a comercialização de novos escravos há mais de 150 anos nos EUA, o rico empresário Thomas Maher quis provar que poderia enganar essa nova lei, indo até a África e trazendo mais sofrimento a um povo. E foi o que ele fez. Provou que podia e, depois, para apagar rastros de seu crime, queimou o navio Clotilda, que fez a viagem, e o afundou às margens de sua propriedade em Mobile, Alabama. É da investigação desse escárnio de um homem pela justiça que parte o documentário *O Último Navio Negroiro*, um dos mais importantes e bem criticados filmes do gênero no ano, já forte candidato aos prêmios da categoria. Em cartaz na Netflix, a produção é uma aula de História, de cidadania e sobre o horror que se mantém através de mais de um século. Com direção e roteiro de Margaret Brown, *O Último Navio Negroiro* não mede esforços para criar uma textura que escape da padronagem cansada da tradição do documentário. O filme utiliza o livro *Barracoön*, de Zora Neale Hurston, para nortear sua montagem e roteiro, servindo de guia para a construção de uma vigia mestra para Brown. São relatos cheios de dor e desumanização, mas que carregam a poesia de uma autora hoje celebrada e que teve a obra escondida por 87 anos. Disponível na Netflix.



Você Sabia?

Você sabia que o dia 5 de setembro é dedicado a homenagear a maior floresta tropical do mundo? Sim, no dia 5 de setembro, comemoramos o *Dia da Amazônia*. Essencial para o clima e a vida do planeta, a Amazônia é um dos maiores patrimônios da humanidade, com uma quantidade incomensurável de espécies botânicas e animais, com a estimativa de que muitas dessas espécies sequer foram descobertas pela ciência. Atividades como o desmatamento, o crescimento populacional com o avanço da infraestrutura e a exploração insustentável de recursos representam ameaças significativas à integridade da floresta e, conseqüentemente, à saúde do planeta. Por isso a necessidade de uma data simbólica que nos force a pensar na Amazônia e em sua importância para a vida na Terra. A data foi escolhida para lembrar a criação da Província do Amazonas, em 1850, por D. Pedro II, e para conscientizar sobre a importância da preservação desse bioma, que tem 4,196.943 milhões de km² de floresta e abrange nove países (Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana Francesa, Paraguai, Peru, Suriname e Venezuela), apresentando 26% da sua área protegida em território brasileiro, porém, infelizmente, muitos ignoram essa proteção. O objetivo principal da data é alertar a população sobre a destruição da floresta e de como podemos ter desenvolvimento sem que seja necessário acabar com essa importante fonte de biodiversidade.



Vitória-régia, com a maior flor das Américas, que desabrocha à noite e muda de cor e sexo em 48 horas, é a planta símbolo da Amazônia.